

DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL À GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL: UMA REPRESENTAÇÃO DA LÍNGUA(GEM) SOB UM OLHAR MULTISSEMIÓTICO

Autores: DANIEL FERNANDES COSTA, JOANA PATRÍCIA BARBOSA SILVA, ARLETE RIBEIRO NEPOMUCENO

Introdução

Como sabemos, a intensificação da globalização deu voga a novos modos de transmissão de informações. Assim é que a linguagem visual ganhou espaço ao lado da verbal, fazendo com que a linguagem passasse a ser constituída por um sistema de significação multimodal. Diante de tal fato, a realidade semiótica da atualidade exige novas competências de interpretação textual que não se vinculam somente à linguagem verbal, mas também a outras. A par disso, num projeto de pesquisa inicial, objetivamos tão somente apresentar dois aportes teóricos de base sistêmica: a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY (2004 [1985]) e a do *Design Visual* (KRESS; VAN LEEUWEN (2006 [1996])), no que tange ao modelo tridimensional das metafunções, para, em uma etapa posterior, buscar evidenciar o entendimento de estratégias do discurso multimodal publicitário. Para tanto, por um lado, elegemos da teoria sistêmico-funcional, a metafunção ideacional e da teoria multimodal a metafunção representacional. No que concerne à teoria sistêmica, buscamos apresentar, num primeiro momento, um esboço dos contextos de cultura e de situação, uma vez que Halliday (2004 [1985]) pontua o fato de os significados resultantes das escolhas dos usuários da língua estarem vinculados a eles. Em seguida, apresentamos a composição do sistema de transitividade, no qual as experiências de mundo se constroem por meio dos processos, participantes e circunstâncias, instanciados na metafunção ideacional. Por outro lado, no que diz respeito à linguagem visual, fundamentamo-nos nos estudos de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), tributários da Gramática Sistêmico-Funcional, buscando evidenciar a composição representacional por meio dos processos narrativos e conceituais (classificacional, analítico e simbólico). Posto isso, valer-nos-emos de uma metodologia de cunho qualitativo-interpretativo, em que, a partir de uma pesquisa teórica, buscaremos evidenciar a contribuição dessas gramáticas para a percepção da linguagem social moldada na e pela situação efetiva de uso. Este trabalho se justifica porque, na realidade social contemporânea, há necessidade de desenvolver a competência interpretativa de diversos tipos de linguagem e de se incluir cultural e socialmente. Por conseguinte, concluímos que, tanto na Gramática Sistêmico-Funcional como na do *Design Visual*, existem meios eficazes de se construir uma competência de interpretação textual-discursiva que corresponda às necessidades comunicacionais impostas pelo mundo globalizado.

Material e Método

Expondo o referencial teórico que dá suporte ao estudo, destacamos que, na perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), há a concepção da língua como uma rede de sistemas interligados, na qual o falante realiza escolhas significativas para representar sua experiência empírica no uso linguístico (motivo pelo qual é chamada de teoria sistêmica da língua(gem)), a partir das funções que a estrutura da língua exerce frente ao seu caráter social (motivo porque a teoria é chamada também de funcional). Na esteira de Halliday (2004 [1985]), a língua é constituída de um feixe sistêmico no qual subsiste o sistema extralinguístico e o linguístico. No que se refere ao sistema extralinguístico, verificamos que as escolhas, a partir do sistema da língua, empreendidas pelo falante, são influenciadas pelo contexto socioideológico no qual o falante se insere no momento do ato de comunicação. Assim, o contexto de produção da comunicação divide-se em dois tipos: de cultura e o de situação, nos quais, respectivamente, verificamos a menção ao ambiente sociocultural no qual se encontra todo o potencial de significados de uma cultura; bem como notamos o ambiente imediato em que significados específicos do contexto de cultura funcionam de acordo com a situação sociocomunicativa. Por seu turno, o nível linguístico diz respeito: ao sistema de conteúdo – no qual a lexicogramática (termo usado por Halliday (2004 [1985]) para designar o contínuo existente entre o vocabulário e a estrutura gramatical de uma língua (GOUVEIA, 2009)) efetiva a semântica na comunicação –, por meio das orações; e ao sistema de expressão, em que se encontra a fonologia e a grafologia, com o qual não trabalhamos, tendo em vista o foco de interesse desta investigação: o nível linguístico acima da oração. Tendo em vista a língua estar sujeita às pressões do uso, notamos que a atuação do indivíduo no contexto de situação ocorre por meio de três funções que condizem com o conceito de três variáveis de registro: o campo (natureza da prática social dos participantes), a relação (papéis adotados por eles em cada situação), e o modo (meio de transmissão das informações).

Há de se ressaltar que, em tais variáveis de registros, ecoam as três metafunções *hallidayanas*: ideacional – representação dos significados da experiência social e psíquica a partir do sistema de transitividade –; interpessoal – representação das relações e dos papéis adotados pelos participantes por meio do sistema de modo e de modalidade –; e textual – concepção da oração como mensagem, em que se considerará a organização do fluxo de informações contidas na oração através do sistema temático.

Para Halliday (2004 [1985]), na metafunção ideacional, recorte deste projeto inicial, há a representação de ações, eventos, construindo significados experienciais no sistema de transitividade, manifestando-se em processos (grupos verbais), participantes (grupos nominais) e circunstâncias (grupos adverbiais e preposicionais). Nessa medida, os processos são as ações projetadas nos verbos; os participantes representam os seres (in)animados envolvidos nos processos; já as circunstâncias remetem, por exemplo, ao modo como o processo se desenrola.

Em linhas gerais, os processos, cada um a seu modo, estruturam as experiências a partir do seu funcionamento e da relação que estabelecem com participantes específicos e variados tipos de circunstâncias. Por essa via, a construção do conteúdo, por intermédio do sistema de transitividade ocorre por meio de seis processos. Os principais são: materiais (verbos de ação), com um participante Ator, que realiza algo a outro participante: o Meta; mentais (verbos de sentimento, percepção, afeição e cognição), com o participante Experienciador e o que é sentido ou percebido o Fenômeno; e relacional (verbos de ligação), subdividido em Atributivos, com participantes Atributo e Portador (sendo o Atributo a qualidade que caracteriza o Portador) e Identificativos, com os participantes Característica e Valor (em que a Característica é a entidade determinada pelo Valor). Na mesma linha de ideias, existem os processos secundários: comportamental (verbos ligados a fisiologias, sendo evidenciados pelo portador Comportante); verbal (verbos do dizer e do comunicar, além de processos ditos semióticos como mostrar e indicar), com o participante Dizente e o Verbiagem, em que, respectivamente, um faz a comunicação, e o outro é o participante para quem o processo se dirige; e o Existencial (verbos como haver e existir), com o participante Existente. Para maiores detalhes desses processos sobreditos, conferir o gráfico que se segue (Figura 1).

Somam-se ao aparato teórico *hallidayano* os pressupostos de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), para os quais os recursos semióticos visuais, bem como os verbais, servem a propósitos comunicacionais e representacionais. Na análise das composições visuais, no enquadramento teórico de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), a estrutura textual, na contemporaneidade, a partir dos novos meios de circulação de informações, passou a ser constituída de diversos elementos semióticos em que, tanto o sistema verbal como o visual, passaram a consolidar uma estrutura semântica coerente. A partir da grade conceitual da GSF, Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), ao adaptarem as metafunções para a análise do modo semiótico visual, propõem a Gramática do *Design Visual* (GDV), para a qual a disposição dos elementos semióticos de um texto são analisados pelas metafunções representacional (análise da representação da realidade empírica por meio dos elementos da imagem e das intencões discursivas que perpassam a disposição dos elementos imagéticos); interativa (análise da interação entre os produtores da imagem e a quem as imagens são destinadas); e composicional (análise da disposição dos elementos que compõem o texto verbo-visual).

Análoga à metafunção ideacional *hallidayana*, Kress e van Leeuwen (2006[1996]) passam a falar das estruturas representacionais, divididas em narrativas e conceituais. Considerando as representações narrativas, há ações ou eventos representados, em que os participantes são conectados por meio de vetores (conceito que indica a ação e a interação exercida entre os participantes). As estruturas narrativas subdividem-se em: de ação (descrição de acontecimento da realidade material) que, por sua vez, se esfacela em ações não transacional (com a presença de um participante Ator) e transacional (com dois participantes: o Ator e o Meta –; e reacional (processo que envolve ação e reação), podendo ser não transacional (o olhar do participante dirige-se para o fenômeno da imagem) e transacional (o olhar do participante dirige-se para fora da imagem). Já nas representações conceituais deparamo-nos com significações apresentadas por participantes estáticos, com a finalidade de se formar um conceito. Seguindo essa estrutura, existem os processos: classificatório (os participantes são elencados de forma classificatória, de modo que se relacionem por características em comum, além de haver sempre um representante subordinado e outro subordinador); analíticos (representação feita seguindo o paradigma de relação de uma parte com o todo, em que o todo é denominado de Portador e as partes de Atributos); e os simbólicos que, evidenciando o participante representado, tende a significá-lo na estrutura imagética. Esse processo é subdividido, ainda, em: atributivo simbólico (o significado é atribuído pela relação de destaque que um participante tem em relação ao outro) e sugestivo simbólico (o significado é determinada por um participante que representa valores culturais do senso comum).

Neste estudo, inicialmente, como procedimentos metodológicos, faremos, por exemplo, uma abordagem descritiva do uso linguístico no sistema da oração, apresentando o contexto de situação e o de cultura como níveis extralinguísticos, posicionados acima da oração. Com uma pesquisa inicial bibliográfica, priorizamos a estrutura teórica da GSF e da GDV, por meio, respectivamente, das categorias de análise das metafunções ideacional e representacional, tendo em vista o objetivo de expor a contribuição teórica desses dois sistemas de análise semióticos no que diz respeito à interpretação crítica de textos multimodais, haja vista que tal competência, no mundo globalizado da contemporaneidade, mostra-se como aspecto fundamental para inclusão social e cultural.

Resultados e discussão

A partir não só dos construtos teóricos da GSF – no que tange ao plano verbal –, como também do sistema de análise visual proposto pela GDV, verificamos que tais teorias sistêmicas apresentam uma coerente estrutura de análise da linguagem verbo-visual. Se, por um lado, a GSF propõe uma análise do sistema linguístico a partir de uma perspectiva social na qual se considera o contexto sociocultural como fator determinante das escolhas que o indivíduo realiza a partir dos sistemas da língua para fins de efetivação de comunicação; por outro, partindo da estrutura de análise da GSF, a GDV, evidenciando os elementos semióticos que constituem o jogo imagético, procura expor a estrutura composicional de imagens, as experiências que elas representam e as relações sociais e ideológicas que perpassam por tais estruturas. Assim é que essas duas teorias, a partir de suas grades teóricas, mostram-se como meios eficazes para se construir uma competência de interpretação crítica frente à realidade híbrida da linguagem, contribuindo, dessa maneira, para o letramento multimodal da sociedade.

Considerações finais

As transformações comunicacionais do mundo globalizado, no qual se manifestam novos modos de transmissão e organização de informações, exigem a interpretação textual por parte dos falantes. Nessa medida, a linguagem deixou de se restringir somente ao plano verbal e passou a abranger vários modos de linguagens semióticas. Diante de tal realidade, há a necessidade de, por um lado, lançar um olhar amplo sobre a linguagem, considerando-a como sistema no qual subsistem diversos modos semióticos, e, por outro lado, analisá-la sob um viés crítico, já que ela surge de contextos ideológicos, com os mais variados propósitos, a exemplo de propósitos comunicativos e manipulativos de quem a produz.

Referências bibliográficas

GOUVEIA, C.A.M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional: **Matraga**. Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun.2009. Disponível em <<http://www.pglettras.uerj.br/matraca/matraca24/arqs/matraca24a01.pdf>> Acesso em: 25 set. 2017.

HALLIDAY, M.A.K.M. **Introduction to functional grammar**. London: E. A., 2004 [1985].

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London and New York: Routledge, 2.ed. 2006 [1996].

Figura 1: Tipos de Processos do Sistema de Transitividade na GSF

Realização:



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO
E INOVAÇÃO SUPERIOR



Apoio:



Fonte: Halliday (2004 [1985]), p.172 (adaptado).